

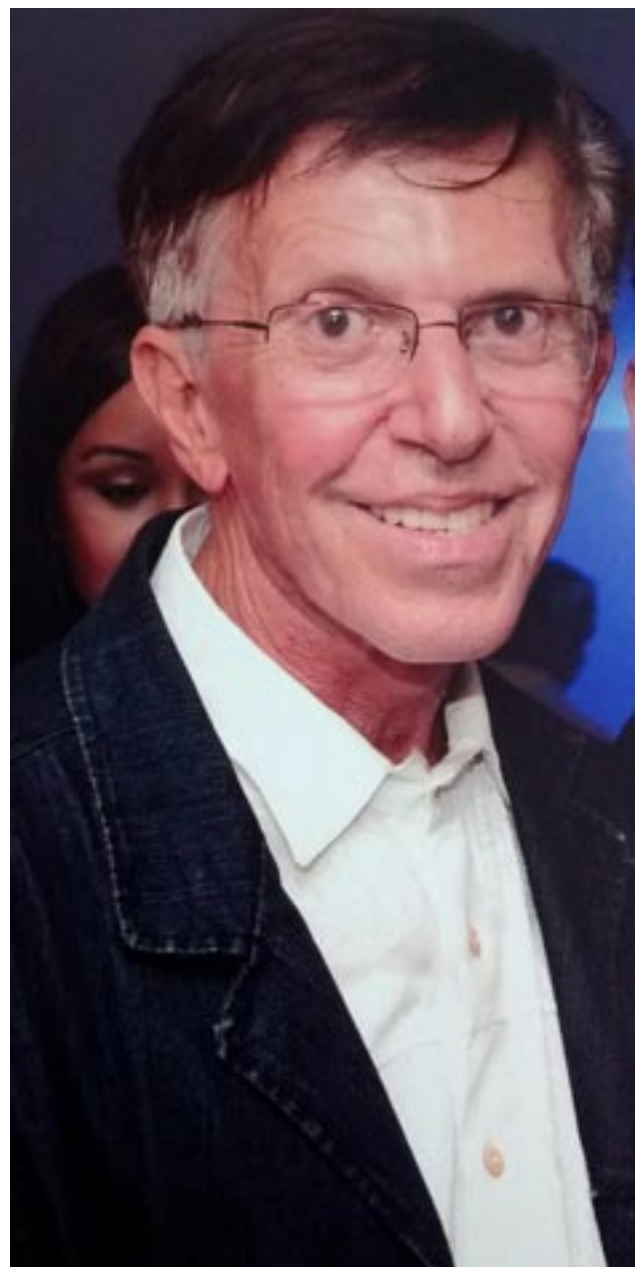
# DRAMATURGIA DE DEOLINDO CHECCUCCI

Cleise Furtado Mendes

Com a montagem de *O futuro está nos ovos*, de Ionesco, em 1970, Deolindo Checcucci inicia sua carreira como diretor teatral, traçando, a partir daí, uma trajetória contínua de realizações que marcariam por quatro décadas, de modo significativo, as artes cênicas na Bahia. Além de seu fértil trabalho em direção, com mais de sessenta montagens realizadas, Deolindo desempenhou outras funções no cenário teatral, em atividades que fatalmente convergiam para o seu ofício de encenador, como produtor, figurinista, cenógrafo.

Foi porém sua produção como dramaturgo a que mais se desenvolveu em paralelo e em colaboração estreita com a atividade de diretor. Alguns desses textos já foram reconhecidos e premiados a partir de montagens bem-sucedidas, como *O Voo da Asa Branca*, musical sobre a vida de Luiz Gonzaga, que além do Prêmio Copene de Teatro recebeu críticas elogiosas de Bárbara Heliadora e Maria Helena Kuhner, dentre muitas outras, ao se apresentar em temporadas no Sul do país.

Mas suas peças permaneciam inéditas em livro, guardadas apenas na memória dos espectadores, por mais de uma geração. Isso até que, em 2012, a EDUFBA tivesse a feliz iniciativa de publicar esse conjunto de obra, em três volumes, registrando a variedade dessa produção. O volume intitulado *Protagonistas Nordestinos* abrange peças de cunho histórico, nas quais Deolindo traça biografias cênicas de algumas figuras que marcaram a cultura do Nordeste, e da Bahia em particular, como *Maria Quitéria* (adaptação para musical do texto de Ida Vicenzia, com trilha de Roberto Mendes), *Raul Seixas*, *a Metamorfose Ambulante* (com a colaboração de Plínio Seixas), *Irmã Dulce*, *A Mulher de Roxo*, além



Deolindo Checcucci.

Foto de autoria de Gustavo Caribé Checcucci

do já citado musical sobre Luiz Gonzaga. Um segundo volume, sob o título *Musicais Infanto-Juvenis*, reúne textos de ritmo ágil e forte componente lúdico, destinados a um público que sempre recebeu especial atenção do diretor e dramaturgo: *Um Dia*, *Um Sol* (vencedor do Concurso Nacional de Dramaturgia Álvaro de Carvalho, em Santa Catarina), *Na Lua, na Rua, na Tua*, *Em busca do sonho perdido*, *A Coroa de Raquel e Joana*, *a Boneca de Pano que Virou Barbie*. O título *Peças de Amor e Ódio* já sinaliza a mudança de tom dos textos que compõem o terceiro volume. São peças que dão expressão à temática da violência e da repressão social que se exerce sobre os corpos e mentes que ousam transgredir os limites da chamada “normalidade”, como *Um Corte no Desejo*, *Curra e Misererenobis*. Mas como o melhor antídoto para a repressão é o riso que corrói os seus pilares, o humor também está presente no monólogo *Sexo é com Walkíria* e no musical *Ciúme de Você*.

### Um corte na intolerância

Em 25 de maio de 1895, um julgamento eletrizava a opinião pública britânica: o romancista e dramaturgo Oscar Wilde, autor de obras famosas como *O Retrato de Dorian Gray* e *A Importância de Ser Prudente*, homem casado e escritor bem-sucedido, era condenado a dois anos de prisão, com trabalhos forçados, por sua relação amorosa com um jovem de 20 anos. O pai do belo jovem, um aristocrata intolerante e decadente, é personagem fundamental da história real, perseguindo Wilde, manipulando o preconceito da hipócrita burguesia puritana e vociferando, furibundo, contra o “desencaminhador” de seu filhinho, como um pai-de-donzela de qualquer farsa barata. A imensa plateia que afluía ao tribunal para torcer contra o réu no escandaloso processo, babando de raiva e gozo por enfim ver castigada a imoralidade de um amor “que não ousa dizer seu nome”, era bem o retrato de uma sociedade que se sente histórica e histericamente ameaçada por qualquer prática individual que escape ao seu controle. As relações homossexuais, dentre muitas variantes, reaparecem quase sempre como as que são perseguidas com maior violência e crueldade.

“Mas isso foi há cem anos” ou “isso foi na Inglaterra vitoriana”, é o que gostaríamos de pensar.

Parece, porém que um século é menos que um segundo na história do espírito humano, sempre muito pesado e lento em progredir. Ao longo desse tempo temos assistido a crescentes investidas do preconceito, desde a forma de cassação “branda”, com mil recursos sutis de discriminação, até ao puro e simples assassinato (quando jornais diários publicam opiniões incitando a “cura” ou o extermínio de gays, isso é tratado como piada, diante de sorrisos complacentes. Muitos parecem se esquecer que qualquer holocausto tem início em discursos aparentemente inofensivos...) Mas a dramaturgia – espelho vivo da crise humana – jamais deixou de denunciar a barbárie embutida no preconceito, como em *O Beijo no Asfalto*, de Nelson Rodrigues, para citar apenas um exemplo.

A peça *Um Corte no Desejo*, de Deolindo Checucci, pertence a essa linhagem dramaturgic. É uma dessas obras que se comprometem com os grandes temas humanos. Se, como disse o cineasta Bergman, só existem verdadeiramente dois temas, o amor e a morte, nessa peça se fala do modo mais amplo possível sobre os caminhos e descaminhos da busca da felicidade, pois ambos, amor e morte, estão aí entrelaçados de tal modo na construção dramática que são tragicamente inseparáveis. Daí que *Um Corte no Desejo* apresenta uma visão propriamente erótica da homossexualidade, porque a coloca na exata encruzilhada onde gozo e destruição disputam o espaço da existência, ou onde o sujeito vive uma experiência-limite em que Eros e Tanatos se fundem.

O grande mérito da peça é deslocar o sentido de perversão atribuído ao ato sexual, que em si mesmo é pura busca de prazer, para a sádica perseguição aos amantes. Tomando habilmente o andamento de uma trama policial, Deolindo Checucci circunscreve a situação-modelo em que a busca do prazer se torna transgressão e “quebra a cara” contra o muro do preconceito. Novamente aí, como na história real de Wilde ou na ficção de Nelson, um pai, uma esposa e... dois homens! Eis a matriz do drama, no teatro e na vida. Eis o núcleo familiar, a célula social, a pequena cela que aprisiona e corta o desejo. A esses ingredientes explosivos basta acrescentar como catalisador o veneno insidioso da “opinião” burguesa média, da “maioria compacta” como a chamou Ibsen, e teremos a receita de uma catástrofe.



O estopim, como sempre, é a intolerância. O centro desse conflito (infelizmente tão comum em nosso cotidiano, sob os mais variados disfarces) tem raiz naquela zona escura que existe em cada um de nós e onde mora a incapacidade de admitir uma verdade diferente da nossa, de compartilhar a experiência do mundo vista por outros olhos, outros sentidos e sensações, de enfim amar o diferente. No caso, amar o diferente que ama escandalosamente o mesmo, que se busca amorosamente no espelho.

MENDES, Cleise F. Um corte na intolerância. In: CHECCUCCI, Deolindo. *Peças de Amor e Ódio*. Salvador: EDUFBA, 2012. P.9-10.

### **Sobre A Mulher de Roxo, de Deolindo Checcucci**

Nesta peça, Deolindo Checcucci retoma e amplia um tema que percorre toda sua produção teatral: a poderosa engrenagem movida por normas, conceitos e preconceitos, que colhe em suas rodas o sujeito do desejo, destruindo seu sonho de viver um enredo próprio, destruindo suas aspirações a “fazer diferença”.

Esse choque entre os desejos individuais e um quadro de valores que impede sua realização surge como conflito nuclear em várias de suas peças, embora se expresse através de diferentes situações e personagens, ao combinar-se com outros motivos dramáticos. Assim é em *Um Corte no Desejo*, em *Maria Quitéria*, em *Raul Seixas – A metamorfose ambulante*, dentre outras. Numa posição de centralidade, temos a figura recorrente de um indivíduo que vive na contra-corrente das idéias do seu tempo, seja um jovem homossexual, uma mulher que ingressa numa carreira tradicionalmente masculina ou um artista de atos e palavras libertárias. Todos eles nos fazem lembrar uma personagem de Silveira Sampaio que reclama ao mundo os seus direitos “psico-sexo-sentimentais”.

Em *A Mulher de Roxo*, Deolindo inspira-se na figura já lendária de uma mulher que foi parte do cotidiano das ruas de Salvador, há algumas décadas, e continua habitando o imaginário da cidade, multiplicada em narrativas literárias e audiovisuais. Na tela da memória, revejo sua imagem estranha e imponente, entre lírica e trágica, entre mendiga e louca e rainha, com seu manto roxo que parecia

velar uma história de vida fora do alcance de olhares curiosos. Mas o dramaturgo, diferente do historiador, não está interessado em levantar esse véu e pesquisar os dados factuais de uma biografia.

A figura inquietante dessa mulher e o possível enredo que a produziu são tratados por Deolindo como referencial simbólico para falar de tantas outras histórias de “enlouquecimento” construído pelo atrito entre as demandas da subjetividade e as rodas dentadas da engrenagem social. A partir daí, o dramaturgo sugere uma biografia possível e provável, criando uma estrutura dramática permeada por momentos líricos, como na bela cena inicial, de grande efeito plástico e simbólico, em que a noviça Doralice declara seu amor ao noivo, um Cristo vivo e bem humano. Os diálogos que conduzem a ação, tecendo as relações da personagem com o mundo que a coloca cada vez mais à margem, são pontuados por clássicos da canção popular, e tais músicas por si mesmas instauram o cenário desse espaço-tempo, o clima de uma época em que, mais do que hoje, principalmente para uma mulher, dizer sim ao próprio desejo era sintoma evidente de insanidade.

“Somos o que criamos para estar no mundo”, conclui Doralice, a Mulher de Roxo, pouco antes de assumir a rua como seu único abrigo. Rua onde reinará, mendiga e soberana, ex-noviça, ex-amante, ex-pecadora, santificada pela loucura.

MENDES, Cleise F. Sobre *A Mulher de Roxo*, de Deolindo Checcucci. In: CHECCUCCI, Deolindo. *Peças de Amor e Ódio*. Salvador: EDUFBA, 2012. P.261-262.

### **Vida de Gonzagão rende aula alegre sobre Brasil<sup>1</sup>**

O espetáculo baiano que está abrindo a temporada do “EnCena Brasil” é uma festa para apresentar a vida de Luiz Gonzaga; o grupo e seu diretor acertam, principalmente porque fazem o que sabem, e o fazem com amor. Luiz Gonzaga nasceu em Pernambuco e seu imenso sucesso foi todo baseado em sua permanente ligação com suas raízes

<sup>1</sup> Texto de autoria de Barbara Heliodora, publicado no jornal O Globo de 29 de março de 2001, no Segundo Caderno, coluna Teatro – Crítica. In: CHECCUCCI, Deolindo. *Protagonistas Nordestinos*. Salvador: EDUFBA, 2012. P. 9.

culturais, que ele divulgou e tornou realmente populares por todo o país. Assim sendo, nada melhor para contar sua história do que a opção pela forma épica do cordel, que não é usada como falsa busca de ingenuidade, mas como a linguagem ideal para expressar tudo o que uma considerável pesquisa levou o diretor Deolindo Checcucci (mestrado em teatro nos EUA) a conceber e a estruturar sobre a vida do Rei do Baião.

O texto não só dramatiza com ilusória facilidade a vida de Luiz Gonzaga desde a infância, como evoca com segurança e eficiência o mundo em que cresceu e os mundos que mais tarde veio a integrar; isso ligado ao uso de toda uma série de canções muito bem selecionadas cria um todo coeso, que revive um Brasil que passamos a compreender um pouco melhor graças ao espetáculo.

Em um palco vazio, a cenografia de *O Voo da Asa Branca* é composta por dois grupos sucessivos de grades, facilmente manipuladas pelo elenco: as

toscas, de madeira, são o Nordeste formador; as leves, de metal, criam a cidade grande (mas ainda não tão ameaçadora). Dois bois, um maior e um menor, falam junto com imagens de santos e alguns outros acessórios de um mundo amoroso e ingênuo (ao qual não faltam Lampião e conflitos locais). Os figurinos são de muito bom gosto, com cores fortes e desenho simples, mas expressivo. Tudo na encenação tem um limite exato, que a deixa sempre dentro do âmbito das possibilidades e do conhecimento do elenco, que canta, toca e dança a fim de contar sua história com alegria e amor.

Não temos indicação de nomes dos componentes do elenco, mas é preciso dizer que há uma organização total em seu trabalho, e que tudo funciona muito bem. É muito raro se ter uma aula de Brasil a um só tempo tão informativa, eficiente, agradável e alegre. Parabéns ao grupo que se apresenta só até domingo no Teatro Glauce Rocha. O espetáculo precisa ser visto.

